

Estupidez no campo analítico: vicissitudes do processo de desprendimento na adolescência¹

Roosevelt M.S. Cassorla²

Resumo

Este trabalho visa ampliar a compreensão de aspectos técnicos no trabalho com adolescentes que se defendem do desprendimento de aspectos infantis por meio de organizações defensivas. Estas organizações entorpecem a percepção do adolescente frente à realidade triangular e a suas defesas narcísicas. As famílias desses jovens podem fazer parte da organização e o analista também pode ser recrutado a participar dela. No entanto, a percepção do analista pode tornar-se embotada e esse fato faz com que ele pareça estúpido. Aspectos dos mitos de Narciso e Édipo são utilizados como modelos para estudar a estupidez. A análise de uma adolescente psicótica simbiotizada a sua família mostra como o campo analítico pode ser invadido pelas configurações defensiva. Conluios de idealização e dominação/submissão envolvem a jovem, sua família e o analista, mas as organizações defensivas somente são identificadas após seu colapso traumático. A expansão da rede simbólica permite a identificação de organizações simbióticas transgeracionais. Modelos relacionados a *enactments*³ mostram-se úteis para compreender vicissitudes técnicas. O trabalho termina com conjecturas imaginativas em que o “paciente” Édipo é comparado com a adolescente discutida. Essas conjecturas conduzem a reinterpretar de alguns aspectos do mito edípico. Estas reinterpretações, juntamente com o estudo clínico e teórico, podem servir como modelos para compreender vicissitudes técnicas no trabalho com adolescentes perturbados.

Palavras chave: adolescência, estupidez, arrogância, simbioses, simbolização, borderline, psicose, campo analítico, *enactment*, *enactment* agudo, *enactment*

³ NR- O autor decide manter o anglicismo dada a dificuldade de encontrar em português uma palavra que tenha o duplo significado que ela tem em inglês: o primeiro, que é o de encenar, e o segundo que é o de ser obrigado a uma ação, como em um decreto judicial.

crônico, sonho-a-dois, não-sonho-a-dois, técnica psicanalítica, trauma, famílias, Narciso, Édipo.

Durante o processo adolescente o jovem se sente invadido por pulsões que reativam fantasias inconscientes e ansiedades primitivas. O adolescente vive a ruptura da rigidez da latência, seguida de uma confusão de identidade consequente à reemergência de aspectos cindidos do *self*, próprios dos períodos pré-edípico e pré-genitais. A potencialização dos aspectos sádicos de todas as zonas associada a uma confusão resultante da concomitância de fantasias diversas impõe ondas de desejo genital em todas as suas formas infantis polimorfos e perversas (Meltzer, 1973, 1992; Grinberg, 1976). A necessidade de gratificação imediata provoca identificações projetivas violentas e intrusivas. Ameaças de desestruturação se mesclam a tentativas de reestruturação do *self*. Mecanismos primitivos se mesclam a mais evoluídos e tanto podem constituir-se como base para patologias como propiciar elementos para reelaborações.

A turbulência intrapsíquica se manifesta na dinamização dos movimentos EP<--> D (Bion, 1962b) ou relações duais <-> relações triangulares, com as consequentes mudanças catastróficas, mas em forma dinâmica, com desestruturações que confundem o observador não atento, que toma por patologia um movimento intenso, porém normal, antecedendo reestruturações. O analista se torna alerta quando não existe oscilação adequada. Mas, somente após cessar a turbulência adolescente poderemos verificar se a rigidez foi momentânea ou se estabilizou.

Ao mesmo tempo, os processos de externalização e internalização se acentuam, ocorrendo uma turbulência identificatória, ficando-se mais vulnerável à introjeção de objetos que reforçam ou alteram as identificações mais arcaicas. O jovem está ávido por objetos com os quais precisa identificar-se para que sua identidade adulta se torne mais coesa. O jogo projetivo-introjetivo é intenso e

considera-se que o trabalho principal da adolescência é justamente a aquisição de uma identidade adulta por meio desse interjogo de identificações.

Como corolário dessas configurações resultam movimentos de desprendimento, de dessimbiotização do núcleo familiar (Blos, 1962, Bleger, 1967, Mahler, 1968, Paz, 1980). Ao mesmo tempo, o adolescente vivencia lutos: pela infância, pelos pais, pelo corpo infantil, pela bissexualidade (Aberastury, 1980). Se o contato com a realidade triangular for sentida como traumática, defesas narcísicas serão retomadas constituindo-se simbioses normais (Cassorla, 1985, 1991a) até que o embate pulsional e a atração pelo objeto as superem. Isso faz parte da elaboração do desprendimento.

Durante essa elaboração formam-se vínculos com objetos substitutos, tais como: ideais, amigos, namorados e pais idealizados. Essa idealização se reduz à medida que a identidade adulta se estabelece. No entanto, alguns adolescentes podem fixar-se a uma espécie de simbiose ou parasitismo patológico com esses objetos. Os aprisionamentos ao objeto manifestam-se na clínica por meio de comportamentos tais como: adição a pessoas, grupos, drogas, ideologias, seitas religiosas, atos suicidas (quando o paciente imagina uma vida idealizada em outro mundo). e gravidez precoce (quando a jovem se simbiotiza a seu bebê). A capacidade de simbolizar é bloqueada. Outras vezes, como reação maníaca contra o desejo de simbiose, o jovem se torna independente precocemente (Cassorla, (1985,1991a). Os “adultescentes” (Ungar, 2013), que prolongam a adolescência até idades avançadas, também fazem parte dessa categoria.

A experiência analítica com esses jovens permite entrar em contato com situações que desafiam o analista por meio de organizações defensivas de difícil acesso (Cassorla, 1997a, 2001,2004, 2005). Essas organizações podem envolver pessoas próximas como a família do paciente e também o analista. Este. pode deixar-se envolver pela organização sem dar-se suficiente conta do fato. O observador externo tem a impressão de que o embotamento da capacidade analítica tornou o analista *estúpido* (Bion, 1959).

Objetivos

O objetivo deste trabalho é aprofundar a compreensão de vicissitudes técnicas que ocorrem frente a organizações defensivas que protegem pacientes adolescentes do contato com a realidade triangular. Em particular, serão abordadas formas de manifestação desses aspectos no campo analítico, fatores que fazem o analista envolver-se nas organizações defensivas, origens e consequências de seu embotamento perceptivo ou estupidez e fatores relacionados á abordagem de familiares que participam dessas organizações. Para isso será utilizado material clínico e material de mitos sobre heróis adolescentes.

Estupidez nos mitos de Narciso e Édipo

A possível estupidez do analista no trabalho com adolescentes pode refletir o mesmo embotamento perceptivo do jovem, que ocorre durante o processo de desprendimento. Narrativas míticas servirão de modelos para ilustrar esse fenômeno. Seu estudo permite identificar duas acepções complementares para o termo estupidez, que se mostrarão úteis na clínica.

1. No mito de Narciso, ele se apaixona por sua própria imagem refletida na água de um lago. A incapacidade de Narciso discernir *self*, de objeto, revela seu embotamento perceptivo. Essa estupidez faz com que, numa das versões do mito, Narciso se afogue ao tentar alcançar o objeto idealizado que ele não percebe ser sua própria imagem.

Transpondo a situação para o campo analítico, estamos numa área em que analista e paciente, por meio de identificações cruzadas, constituem uma relação fusional. Cada um sente o outro como prolongamento de seu próprio *self*. Ambos podem não ter consciência desse fato. Quando isso ocorre, o processo analítico permanece congelado na área dual de fusão-confusão, ainda que em outras áreas possa ocorrer desenvolvimento.

2. Outra acepção de estupidez remete à impossibilidade de Narciso aceitar o amor da ninfa Eco. Podemos considerar a rejeição de Narciso como resultante do terror a entrar em contato com a diferenciação *self/objeto*. Portanto, a função

da estupidez é evitar o contato com a realidade triangular visando a manter a fantasia de completude narcísica.

A transposição da segunda acepção para o campo analítico indica situações em que a percepção da realidade triangular é atacada. A ameaça de discriminação self/objeto provoca ansiedade catastrófica. Essa ansiedade é descarregada ao mesmo tempo em que a dupla analítica retorna à situação fusional. Quando o paciente atribui, com razão, essa percepção ao trabalho analítico, este será atacado. A capacidade de pensar do analista é bloqueada por meio de identificações projetivas massivas. Estas, podem enganchar-se em fatores próprios do profissional. Portanto, a retomada da relação dual e a estupidez são precedidas de esboço insuportável de contato com a realidade.

O mito de Édipo revela situações complementares às de Narciso. Se neste, o estado inicial é a fusão indiferenciada, e a triangularidade é a ameaça, no mito edípico a triangularidade adquirida se torna perigosa. Por esse motivo é revertida. Isso ocorre, por exemplo, quando Sófocles (em “Édipo-Rei”) descreve o início da investigação de Édipo em busca do assassino de Laio. Ao consultar Tirésias ocorre um tenso e agressivo diálogo em que Tirésias “abre os olhos” de Édipo. Édipo se defende da percepção ameaçadora acusando Tirésias de estar em conluio com Creonte (irmão de Jocasta) para tirar-lhe o trono. A projeção de aspectos vorazes e invejosos dentro da dupla Tirésias-Creonte livra a dupla Édipo-Jocasta, os reais usurpadores do trono de Laio⁴.

As configurações implicadas nas duas acepções oscilam em duplo sentido: relação dual congelada <-> ameaça de percepção da relação triangular. A estupidez se manifesta, portanto, sob duas formas: 1.na impossibilidade de perceber a relação dual; 2. na impossibilidade de vivenciar a relação triangular.

Os modelos descritos remetem ao trabalho com pacientes que revelam dificuldades para perceber e viver na realidade triangular, onde *self* e objeto estão discriminados. Entre esses pacientes encontram-se aqueles em que predominam configurações *borderlines*, isto é, em que partes cindidas vivem num mundo de

⁴ Tirésias se engancha nos dilemas de Édipo que mobilizam seus próprios conflitos ‘edípicos’, miticamente expostos em sua interferência no casal Zeus-Hera e no assassinato de serpentes durante o ato sexual (Cassorla, 2008b,2010b).

relações duais, enquanto outras mantêm contato com a realidade triangular. Esses pacientes não conseguiram, em determinadas áreas de sua mente, elaborar situações edípicas, retornando ou permanecendo em situações narcísicas. Por outro lado, a atração pelas situações narcísicas indica traumas que dificultam sua elaboração.

Se considerarmos que mitos podem descrever configurações emocionais, não nos surpreenderemos com o fato de Narciso e Édipo serem adolescentes, pois é justamente na adolescência que a oscilação e confusão entre aspectos narcísicos e edípicos se apresentam com intensidade. Quando esses aspectos não são suficientemente elaborados constituem-se organizações defensivas estáveis. .

Lembremos que Narciso e Édipo coexistem no mesmo adolescente e a oscilação entre relações duais e triangulares revela a mesma oscilação entre EP<->D. Na fronteira entre as duas configurações, o jovem se assemelha a Hamlet: “Ser ou não ser, eis a questão”. “Não ser” manifesta-se como conluio narcísico e discriminação mortífera e “ser” como o insuportável contato com a realidade (Cassorla, 1997b,2009)

A clínica⁵

Sei que estou irritado com Katia. Sei também que me sinto preocupado e impotente. É a quarta sessão em sequência em que Katia falta. Nas anteriores, como sempre, a secretária (de seu pai) havia deixado recado gravado. “Katia manda avisar que não poderá ir porque...”. O motivo era explicitado “teve que viajar com a mãe”, “tem consulta médica”, “saiu com seu pai”...

Ainda que eu fique irritado com os recados, e com o fato de a secretária estar entre nós, sentia uma certa mudança – alguma consideração por minha pessoa. Antes, Katia sequer mandava avisar. Faltava muito e quando comparecia comportava-se como se nada tivesse acontecido. Quando eu investigava fatores relacionados às faltas, Katia dizia, como se fosse óbvio, que faltara porque tivera

⁵A construção do material clínico obedeceu às normas de sigilo ético recomendadas por Gabbard (2000).

outro compromisso. Para Katia não havia porque informar seu analista, nem antes da falta nem depois. A investigação analítica ficava bloqueada.

Katia chegara à análise fazia poucos meses. Nas primeiras sessões me contara, reticente, fatos indicativos de um surto psicótico cuja manifestação mais evidente ocorrera dois anos antes, quando se mudara para estudar na cidade H. Estava com 17 anos, na ocasião. Ao mudar-se para H., Katia havia recém interrompido uma terapia que iniciara aos 7 anos de idade. Conta-me que, após certo tempo sua terapeuta passou a atender também sua mãe, sua irmã e por algum tempo, seu pai, em horários diferentes. Quando a terapeuta passou a “falar mal dos pais”, pedindo-lhe segredo, Katia ficou confusa. Após algumas semanas contou o fato para os pais e todos interromperam os tratamentos. Essas informações ou fantasias de Katia fizeram-me suspeitar da intensidade das identificações projetivas cruzadas nesse núcleo familiar. Ajudaram-me também a formular hipóteses sobre o mal estar que vivenciara no início da análise. A primeira entrevista fora marcada por sua mãe, que me disse, ao telefone, que os pais preferiam não falar comigo e que eu me entendesse diretamente com Katia. Esse aparente respeito pela individualidade me surpreendera positivamente.

No entanto, após as primeiras entrevistas em que me senti confuso com as informações, resolvi conversar com os pais. Katia me disse enfaticamente que não queria que eu falasse com eles. Ela não sabia dizer-me quais eram os motivos e percebi que não admitia continuar investigando o tema. Imaginei que se eu não respeitasse seu pedido ela não mais confiaria em mim. Por outro lado, sentia-me protegido por saber que Katia consultava um psiquiatra em quem eu confiava.

Sem perceber, eu já estava envolvido num conluio sadomasoquista em que tanto Katia como seus pais me paralisavam. Minha idealização inicial sobre o respeito da família à individualidade transformou-se numa submissão a seus desejos. Por algum tempo mantive a idealização e não me dei conta suficiente da submissão. Tornara-me estúpido e cego, ainda que em outras áreas de minha mente eu desconfiasse que havia algo errado. Posteriormente descobriria que a família negava-me informações para proteger-se do desprendimento potencial de um de seus membros.

Logo me ficou claro que os aspectos psicóticos de Katia persistiam e seu retraimento visava escondê-los, ainda que também os anunciassem. As sessões começavam sempre com a frase “Estou bem, cada vez melhor” seguida de “É isso” e “Não tenho o que falar”. Seu silêncio estimulava-me a conversar e perguntar. As respostas monossilábicas de Katia podiam deixar-me exasperado. Tinha que cuidar-me para não forçar a investigação. Em algumas ocasiões parecia que Katia, como que penalizada comigo, contava-me algo mais mas, assim que eu investigava, o relato era interrompido. Katia sentia minha participação em sua vida como muito perigosa. Em alguns momentos se aproximava, com muito cuidado, mas minha correspondência a fazia retrair-se novamente. Quando tentava mostrar esses movimentos a Katia, ela me ignorava. Ainda que me sentisse impotente e confuso, eu acreditava que se continuasse pacientemente meu trabalho, com o tempo as coisas ficariam mais claras. Comportava-me como o garçom do “bar no deserto” (Bolognini, 2004) que acolhe o visitante da forma como ele pode ser.

Ao tentar convencer-me que “estava cada vez melhor”, Katia tentava levar-me para um conluio idealizado. Outras vezes me contava fatos alvissareiros que não me pareciam verdadeiros. Ao mesmo tempo, não era difícil perceber ataques ao processo analítico que se manifestavam como faltas, reticências nos relatos, e atrasos no pagamento. Mas, essa percepção não era suficiente para ampliar a capacidade de pensar. Posteriormente me daria conta que estava parcialmente envolvido em conluios duais.

Aos poucos Katia conseguiu contar-me detalhes do surto psicótico acompanhados de explicações racionalizadas. Teria sido uma fase “em que se sentia em unidade com Deus e o Universo”. Sentia saudades dessa época, e gostaria que ela voltasse. Mas, ao mesmo tempo vivia aterrorizada. Numa ocasião saiu correndo pela rua, sem rumo, sendo socorrida pela polícia. Acreditava que suas crises eram causadas por feitiços e drogas que suas amigas a teriam feito ingerir sem que ela percebesse. E teriam feito isso porque invejavam sua inteligência e seu namorado.

Foi possível perceber que na ocasião do surto predominavam relações idealizadas simbióticas com amigas e com o namorado, alternando ou

confundindo-se com relações sadomasoquistas em que ocorria violência, chantagens, submissões e seduções. A sexualidade também se revelava confusa.

Katia me passava uma imagem de seus pais como herdeiros de uma linhagem familiar nobre. Acreditavam-se descendentes de certa família real europeia. Chamava a atenção a suposta cegueira dos pais, que acreditavam que Katia estava apenas “estressada”. A teoria do envenenamento por drogas parecia ser sustentada convenientemente por todos.

A fala monótona, controlada e embotada afetivamente, que aprisionava o processo analítico, revelava a prisão em que Katia vivia. Os poucos relatos que fazia relacionavam-se ao passado. Katia desconsiderava qualquer colocação relacionada ao presente e ao que ocorria no campo analítico.

Ela me conta que durante o surto iniciou análise na cidade H. Após algumas semanas a analista avisou a família, sem que ela soubesse, que Katia estava psicótica. A informação teria abalado o orgulho familiar e a análise foi interrompida. Curiosamente, a família parecia ignorar que ela tomava medicação anti-psicótica.

A forma expressiva com que Katia contou-me sobre o “comportamento anti-ético” da analista (dessa vez sem qualquer embotamento) fez-me ficar confuso e cheguei a imaginar que a analista havia sido inadequada. Rapidamente percebi que havia sido recrutado para tomar seu partido contra a terapeuta. O embotamento de minha capacidade analítica me levaria a fazer avaliações moralistas sobre o que ocorrera “lá fora e no passado”, quase cego para o “aqui e agora”. Logo percebi o óbvio: que Katia me alertava para os riscos que eu corria se a defrontasse com a loucura. A Família Real simbiotizada resgataria a Princesa ameaçada.

Aos poucos descobri que antes de mudar-se de cidade Katia era uma menina “boazinha e obediente”. A hipótese de que Katia tentava dessimbiotizar-se dos pais, mudando-se para H, tornou-se evidente. O contato brusco com a realidade triangular manifestou-se como surto psicótico, revelando o terror de aniquilamento consequente ao desprendimento vivenciado como traumático. Para evitar entrar em contato com o trauma no campo analítico, a menina “boazinha”,

pseudomadura (Meltzer, 1966), e a família perfeita recrutavam-me a participar da simbiose familiar. Entre suas poderosas armas encontrava-se a identificação projetiva massiva que, ao tornar-me estúpido, poderia bloquear minha percepção dos fatos.

Desfazendo os conluios

Após quase um ano de análise, Katia comete um lapso verbal e, a partir dele, descubro que estava me escondendo uma decisão importante que havia alterado significativamente sua vida. Indagada sobre o motivo da omissão deu uma desculpa frágil. Senti-me enganado e desconsiderado.

Nesse momento, consciente que tentava controlar meu ódio, adverti Katia que sua omissão de informações tornaria a análise impossível. Tentei falar calmamente. Enquanto falava, senti-me preocupado, certo de que Katia havia percebido minha irritação. Imaginava que estava perdendo o vértice analítico e funcionando como superego moralmente condenatório. Como Katia permaneceu indiferente, minha confusão aumentou e passei a ter certeza de minha estupidez.

Esperava que Katia ficasse ressentida com minhas observações. No entanto, após esse episódio a análise adquiriu características surpreendentes. Ela não mais faltava às sessões. Seus relatos eram mais simbólicos. Nesse momento ficou-me ainda mais claro que, na fase anterior da análise, grande parte do material que ela trazia (e escondia) era constituído por elementos sem significado ou por símbolos deteriorados (Cassorla, 2013a, 2013b) que haviam perdido sua função expressiva (Barros,2011).

Aos poucos, fui percebendo que junto à sua parte colaboradora, Katia revelava sutilmente uma parte exageradamente “boazinha”. Eu percebia como ela, sedutoramente, tentava imobilizar-me. Esse fato me alertava para a possibilidade de posterior ruptura catastrófica. Nessa fase Katia parecia perceber as vicissitudes da oscilação entre a relação dual e as terríveis consequências advindas da percepção da discriminação do outro, mas fora do campo analítico. Controlava amigos e namorados e reagia a fantasias ou ameaças de ruptura por meio de violência, chantagens e vitimização. Em certos momentos, frente ao

desespero de Katia e a seu terror de não existir, eu imaginava que ela poderia tornar-se autodestrutiva ou fazer um gesto suicida. Minha intuição revelou-se correta quando sofreu um acidente, dirigindo embriagada durante um feriado em que prolonguei minhas férias. Katia, no entanto, não tinha condições de considerar os sentimentos que ocorriam no campo analítico.

Em poucas semanas Katia volta a faltar, agora sem avisar. Após três faltas consecutivas, telefono para sua residência. A secretária me informa que Katia estava dormindo. Peço que me ligue. Nada acontece. Continuam as faltas. Telefono novamente e após várias tentativas consigo falar com a secretária, que me conta espontaneamente que Katia está estranha, tranca-se no quarto e fala pouco. Mostra-se condoída comigo por Katia faltar à análise e imagina que eu devo estar preocupado. Percebo a secretária como que fazendo parte da Família Real, porém mais discriminada. Essa percepção me faz indagar sobre os pais de Katia. A secretária me informa que estão viajando há várias semanas, “agora que a Senhora está melhor”. Termino por saber que a Senhora, mãe de Katia, sofre de uma doença grave, com risco de morte. Sinto-me irritado com Katia por ela não ter me contado. Percebo-me reformulando, em minha mente, todo o processo analítico anterior. Peço que os pais me telefonem assim que retornem da viagem, mesmo consciente de que Katia não queria que eu falasse com eles.

Katia continuou ignorando minhas mensagens. Imaginei que ela poderia estar em surto e correndo risco suicida. Angustiava-me não ter qualquer hipótese sobre o que estava ocorrendo. Nessa ocasião ocorreu um encontro científico em outra cidade. Não conseguia deixar de pensar em Katia e senti-me inconveniente por discutir a situação com uma gentil colega que mal conhecia. Buscava sonhadores auxiliares para meus não-sonhos.

Dias depois, a mãe me liga, surpresa por Katia estar faltando. Marco entrevista com os pais. Mas, Katia retorna antes, em seu horário habitual. Conta que está bem. Faltou porque estava muito ocupada. Sabe que quero falar com seus pais e quer saber os motivos. Digo-lhe que há coisas que não estão claras e que seus pais poderiam esclarecer-me. Deixo claro que não abriria mão de vê-los.

Busco investigar fatores relacionados às suas faltas e digo-lhe que sua desculpa, de estar muito ocupada, não me faz sentido.

Nesse momento, Katia conta, brava, que viera a uma sessão mas eu não estava. Descubro que isso ocorreu num dia em que ela seria a primeira paciente, porque o paciente anterior não viria. Lembrei-me que eu havia chegado 5 minutos antes de seu horário e ficara aliviado ao perceber que eu chegara antes dela. Katia havia chegado pouco antes de mim mas, percebendo o consultório fechado, fora embora. Pergunto-lhe porque não me esperou. Diz que como não estava sendo esperada, concluiu que eu não queria mais atendê-la.

Foi possível aproveitar esse episódio para mostrar a Katia seu ódio por ter se sentido rejeitada. Por isso me abandonara. Ela projetara em mim o terror de aniquilamento vivenciado frente à percepção de que eu era outra pessoa, com vida própria. Durante a conversa, arrisco um modelo. Eu, como se fosse um laçao, deveria estar sempre de prontidão para adivinhar as necessidades e desejos da princesa. Como eu não me comportara direito, a princesa me expulsara. Ignorando minha existência ela faria com que eu sentisse o terror da não existência que ela vivencia constantemente, mas não tem clareza sobre o fato. (Ao não saber simbolizá-lo e sonhá-lo, esse não existir aniquilante era vivenciado terrorificamente como coisa-em-si). Ao mesmo tempo, Katia esperava que eu, desesperado pela vivência de não existência, a procurasse e me desculpasse. Minhas mensagens, no entanto, havia sido ignoradas porque seu ressentimento a impedira de ceder.

Durante essas interpretações Katia associa com a relação que tem com o namorado. Percebe que projeta nele seu próprio desamparo e necessidade vital de ser vista e considerada. Associa essa compulsão repetitiva com o que está ocorrendo no campo analítico. Agora a dupla analítica pode sonhar-a-dois. Em determinado momento, quando digo que parecia que eu estava mais interessado em sua análise do que ela mesma, Katia se solta num riso franco como nunca eu havia visto, e vejo-me rindo com ela.

Minha função analítica fora retomada. A presença do terceiro (o laçao que, não sendo laçao, não estava à espera da princesa) e a possibilidade de discutir

esse assunto, sonhando-o a dois, mostrava como a relação dual estava sendo desfeita.

Esse episódio, assim como o anterior em que, irritado, chamo a atenção de Katia para a omissão de informações, revela outro tipo de estupidez no campo analítico. Trata-se de *enactments* agudos. Eles desfazem os conluíus crônicos. O estudo desses conceitos será efetuado adiante.

A sessão seguinte validou o trabalho anterior, quando Katia me traz um sonho noturno, fato nunca antes ocorrido. É atacada por um bando de selvagens. Sente que será fuzilada. Os fuzis são batons e as balas eram doces. Conseguia desviar-se das balas. Era aterrorizante, mas o melhor ocorreu quando acordou e percebeu que se tratava apenas de um sonho. Conta que foi uma das melhores sensações que teve em sua vida. Mostro-lhe que, agora, pode sonhar à noite os terrores que a atacavam 24 horas por dias. Esse sonho indica a presença de barreira de contato (Bion, 1962b) que se forma ao mesmo tempo em que surge a capacidade de simbolizar e se elabora a situação edípica. No sonho, ela tenta dar significado a áreas de violência e sexualidade.

Ao conversarmos sobre a doença de sua mãe (informação que havia omitido), Katia mostra como tentava negá-la. Protegia-se do terror de perdê-la e da culpa por tê-la abandonado, ao mudar-se para H. A doença surgira logo após essa mudança. Abrem-se possibilidades para, no futuro, trabalharmos revivescências de ataques, culpas e retaliações edípicas.

A entrevista com os pais ocorreu após vários cancelamentos por parte deles. Katia não quis participar. Os pais eram primos em segundo grau e as famílias haviam vivido juntas há gerações. As informações trazidas fizeram-me suspeitar fortemente de transmissão transgeracional de defesas simbióticas. Os pais racionalizaram que preferiram não me ver para evitar os problemas ocorridos com o “leva e traz” de outras terapias. Ao oscilarem para o extremo oposto, também me controlavam com a falta de informações. Dessa forma, tentavam manter a simbiose familiar. Foi possível perceber também que o momento para entrevistar esses pais tinha sido adequado.

Durante a conversa os pais terminam por admitir que a filha havia tido um surto psicótico e imaginavam que ele poderia retornar a qualquer momento. Confessam seu medo, já que havia doença mental na família, um segredo familiar. Têm, também, consciência de que a doença da mãe havia abalado a integração (na verdade simbiose) familiar. O prognóstico da doença, antes ruim, teria melhorado. Estão iniciando terapia familiar. Cuidadosamente sugiro que também se tratem individualmente.... com diferentes analistas....

Retomando aspectos técnicos

A situação clínica descrita indica como as oscilações entre configurações narcísicas e edípicas se manifestam no campo analítico. O processo de desprendimento de Katia estava perturbado devido a identificações arcaicas com objetos simbiotizados que se tornaram a base para refúgios narcísicos cuja potencial ruptura implicava descompensação psicótica.

Frente a pacientes com essas características, o psicanalista corre os riscos assinalados nos mitos estudados. Paciente e analista podem formar conluios de idealização mútua, como Narciso e sua imagem no lago. Conluios de dominação/submissão ocorrem quando o analista é vivenciado como Eco buscando arrancar o paciente de seu refúgio narcisista.

O conluio idealizado pode transformar-se rapidamente num conluio sadomasoquista e vice-versa. Como a idealização não pode ser mantida permanentemente, o paciente se ressentido e passa a atacar o analista. Este, pode submeter-se ou revidar, e o paciente faz o mesmo. Reparações maníacas fazem a oscilação reverter para a idealização, e assim por diante.

Fenomenologicamente a oscilação entre conluios idealizados e sadomasoquistas revela-se como seduções e ataques tais como chantagens, vitimização, atos autodestrutivos, etc., que se arrastam em forma ressentida. Essas situações fazem parte constante do trabalho com adolescentes.

Como vimos, a clínica adolescente impõe um conhecimento da relação com os pais, tanto internalizados como reais. Tanto em Narciso, como em Édipo, há indícios de relações idealizadas com suas mães. É possível imaginar Liríope

apaixonada por seu belo filho Narciso, enquanto o afasta da realidade triangular. Jocasta, por sua vez, “fecha os olhos” para a percepção de que Édipo poderia ser seu filho e o auxilia a conquistar o trono paterno⁶.

Os fatos descritos acima alertam-nos para a rede de identificações projetivas cruzadas que tomam o campo analítico quando trabalhamos com adolescentes. Elas envolvem pais, familiares, professores, parceiros amorosos e buscam recrutar o analista. O analista não pode deixar de conversar com os familiares, quando necessário. Em geral o paciente não deseja participar dessas entrevistas, como que intuindo a necessidade dos pais terem um espaço próprio. O analista também terá que “ouvir” seus próprios aspectos internos identificados com os pais do adolescente.

Vicissitudes relacionadas a conluíus entre paciente e analista têm sido abordadas por vários autores. Possivelmente o primeiro conluio relatado da psicanálise ocorreu entre Breuer e Anna O., que culminou na interrupção do tratamento (Freud, 1883). Freud (1905) nos relata seu embotamento perceptivo com Dora, que o levou a intuir o fenômeno da transferência. Ambos não se deram conta suficiente do envolvimento, tanto amoroso como destrutivo. Winnicott (1949) assinala que em determinadas situações o analista precisa demonstrar, de alguma forma, o ódio que o paciente lhe despertou, caso contrário o paciente não acreditará que pode despertar amor. A manifestação do ódio pode desfazer conluíus duais, como ocorreu com Katia. Ainda que o analista pareça estúpido, é evidente que as situações terão que ser percebidas e elaboradas para que se tornem úteis.

Bion (1958) demonstrou que a presença no campo analítico da tríade *estupidez, arrogância e curiosidade*, encobre, e ao mesmo tempo revela, catástrofe psicológica destrutiva. A estupidez que consideramos durante os conluíus estudados são acompanhados dos outros elementos da tríade.

O paciente manifesta *curiosidade* ao desejar continuar sua análise, mas não se dá conta suficiente de seu desejo de fusão com o analista. O analista

⁶ O mecanismo “fazer vista grossa” (“to turn a blind eye”) foi descrito por Steiner (1985); Cassorla (1993) o aplica na clínica em caso de cegueira emocional.

frustra o paciente se não se deixa fusionar e mantém mente própria. Quando a relação dual é desfeita, o paciente sente-se expulso do “paraíso” dual ,tendo que enfrentar a realidade triangular traumática⁷.

A *arrogância* vincula-se à onisciência e à avaliação moralista que substitui a percepção da realidade, por julgamento condenatório. Qualquer fato que indique a existência do outro, da realidade triangular, será considerado oniscientemente como mau e errado. O paciente condena ditatorialmente tudo aquilo que ameaça a relação dual. O que é arrogância para o observador, é para o paciente o uso legítimo de seus direitos.

A *estupidez* vincula-se às deficiências na capacidade de simbolizar, sonhar e pensar. Como vimos, pode manifestar-se como onisciência, em conluios duais, e/ou por descargas na ameaça de contato com a triangularidade. A deformação da realidade e a visão condenatória daquilo que frustra vincula a estupidez com a arrogância.

Como vimos, o analista corre o risco de ser recrutado *tornando-se* um aspecto da parte psicótica do paciente. Com adolescentes, esse recrutamento é potencializado pelas identificações projetivas cruzadas que envolvem outras pessoas do entorno do jovem. O analista se identifica com a arrogância e estupidez que fazem parte da simbiose familiar. Pode também tornar-se depositário de culpas persecutórias e depressivas quando se imagina traumatizando o paciente e a família ao mostrar-lhes a realidade triangular.

Estudando grupos, Bion (1961) descreve situações similares. O analista não percebe que sua mente está torporosa e que toma como realidade o que é, na verdade, produto de identificações projetivas massivas. O analista imagina que os intensos sentimentos que vivencia estão inteiramente justificados pela situação objetiva. Posteriormente, Bion atribuirá esse torpor à ação da tela beta que provoca no analista aquilo que o paciente deseja. Analistas, supervisores, grupos de analistas podem manter essa mente torporosa conjuntamente (Cassorla, 2013c).

⁷ O paciente é expulso do Paraíso e jogado no Inferno. Se esse Inferno puder ser sonhado se transformará em Terra, a realidade. Mas os demônios infernais e os deuses idealizados continuarão sempre assombrando (Cassorla, 2010a).

Joseph (1989), por sua vez, nos mostra elegantemente como o analista é recrutado a representar aspectos do paciente para manter o *status-quo*. Outros autores pioneiros no estudo das identificações projetivas massivas incluem, além de Bion e Joseph, Grinberg, Rosenfeld, Sandler, Grotstein, Ogden etc. que também estudam como o analista é induzido e recrutado a tornar-se um aspecto do paciente, tema que Ferenczi já sugerira⁸.

A auto percepção da estupidez, por parte do analista, pode nunca ocorrer, redundando em paralisia do campo na área em questão e impasses analíticos. A estupidez poderá ser percebida quando o analista discute seu material com colegas ou quando, incomodado, escreve ou reflete sobre seu mal estar, como um segundo olhar (Baranger, Baranger & Mom, 1983) ou escuta de escuta (Faimberg, 1996). No entanto, como vimos no material clínico, a estupidez pode ser percebida, num aparente paradoxo, quando se revela na segunda acepção estudada, isto é, quando ocorre ameaça de ruptura do campo analítico. Esse fato estimula o analista a investigar. Em seguida, isto é *après coup*, o analista se dá conta de sua estupidez anterior em relação aos conluios duais.

Sobre enactments

As ideias sobre *enactment* podem auxiliar-nos a compreender as situações descritas. Tem-se chamado *enactments crônicos* aos recrutamentos mútuos que mantêm a relação dual. O adolescente assustado com o desprendimento, protege-se da percepção da realidade triangular. Esse fato é potencializado por famílias simbióticas em que a discriminação entre os membros é vivenciada como traumática. O analista é recrutado a participar da simbiose.

Quando a capacidade de simbolizar está sendo retomada, a relação dual é desfeita e a relação triangular surge abruptamente no campo analítico. Esse fato tem sido chamado *enactment agudo*. A dupla analítica (e a família simbiótica) vivem o trauma do contato com a realidade, mas em forma atenuada. Tem se demonstrado que, durante os conluios duais, em áreas paralelas, o analista utiliza

⁸Uma revisão das idéias desses autores pode ser encontrada em Cassorla (1997a, 2004, 2008c) e Brown (2011). Este autor estuda em forma aprofundada a questão da intersubjetividade. A evolução do conceito Identificação Projetiva se encontra em Spillius e O'Shaughnessy (2011).

implicitamente sua função alfa, costurando buracos traumáticos. Quando há costura suficiente, o trauma é revivido ao mesmo tempo que é simbolizado. Por isso ele se manifesta em forma suportável. O *enactment* agudo é um mix de descargas, elementos sendo simbolizados e redes simbólicas sendo atacadas.

Quando o *enactment* agudo se impõe, o analista “abre os olhos” para o que está acontecendo. Nesse momento ele se dá conta de seu embotamento anterior que impedia a percepção adequada dos *enactments* crônicos nos quais estava envolvido⁹.

Retomemos o material clínico. Inicialmente Katia, sua família e o analista estavam envolvidos num conluio idealizado alternando com sua vertente sadomasoquista. A idealização inicial da família, por parte do analista (pela impressão que ela respeitava a individualidade de Katia) foi substituída pela submissão à falta de informações. Ao mesmo tempo, Katia faltava, se atrasava, omitia fatos e impedia que o analista entrasse em contato com áreas escondidas. O analista tinha uma certa percepção dos fatos, mas não suficiente.

Esse *enactment* crônico é desfeito quando o analista, a partir de um lapso de Katia, se dá conta de seus sentimentos em relação à omissão de informações. A sequência de fatos, que constitui o primeiro *enactment* agudo estudado, é a seguinte: a omissão de informações de Katia, seu lapso revelador, o ódio do analista, sua fala possivelmente irritada, o silêncio de Katia, a perplexidade do analista. Essa situação, ao ser significada, conecta-se à rede simbólica do pensamento. Paciente e analista podem sonhar-a-dois, e a capacidade de pensar se amplia durante as sessões posteriores. Mas, a relação dual - *enactment* crônico - é retomada em algumas semanas.

O segundo *enactment* agudo ocorre quando Katia chega antes de seu analista e vai embora. A sequência dos fatos é a seguinte: Katia chega à sessão adiantada e não encontra seu analista, sente-se abandonada e vai embora, o analista chega 5 minutos antes da sessão e fica aliviado ao perceber que Katia não havia chegado (somente semanas após descobrirá que Katia já havia

⁹ O desenvolvimento das ideias sobre enactments crônicos e agudos pode ser encontrado em Cassorla (2001, 2005, 2008a, 2012, 2014)

chegado e ido embora), o analista espera Katia, que não chega, e em seguida Katia continua desaparecida por várias sessões. A idealização de Katia sobre o analista estar sempre à sua espera fora desfeita. O ressentimento refaz o *enactment* crônico, agora em forma sadomasoquista, sem que o *enactment* agudo tenha sido aproveitado. Sua compreensão ocorrerá semanas após, depois que o analista fica sabendo da doença da mãe e exige a presença dos pais. Katia retorna antes. A conduta do analista chamando os pais pode ser considerado outro *enactment* agudo, que desfaz a simbiose familiar, pelo menos no momento da entrevista.

Nas situações estudadas, os dois tipos de conluíus duais, sadomasoquista e de idealização, ocorrem ao mesmo tempo e tomam a frente em determinados momentos. O sadomasoquista predomina frente a configurações defensivas (Steiner, 1993) do tipo “pele grossa” (Rosenfeld, 1987), isto é, quando o adolescente busca afastar-se do objeto em busca de um refúgio narcísico (Levy, 1996). O afastamento se alterna com a busca de um conluio idealizado. Nesse momento as configurações revelam-se como “pele fina”. A sensibilidade à frustração reverte a configuração para “pele grossa”, e assim por diante.

Agora temos mais dados para compreender porque o analista ficara preocupado por ter chamado a atenção de Katia para suas omissões, no primeiro episódio. Ele intuía que estava desfazendo a relação dual e receava que o contato com a situação triangular fosse traumática. Ao mesmo tempo, o analista sentia que podia estar retaliando Katia por seus ataques e sentia-se culpado. Essa culpa era potencializada por sua impressão de que havia perdido sua função analítica. No segundo *enactment*, o alívio do analista ao verificar que chegara antes de Katia revela intuições relacionadas a uma suposta re-traumatização pelo abandono e conseqüente discriminação violenta entre *self* e objeto.

Revendo os fatos estudados, o analista toma consciência de que havia vivido duas reversões de perspectiva: 1. durante os *enactments* crônicos imaginava que sua função analítica parecia preservada e acreditava que se perseverasse em seu trabalho a rede simbólica se ampliaria. Após o *enactment* agudo dá-se conta que, na verdade, não se dava conta suficiente de seu

envolvimento em conluios duais. 2. Após os *enactments* agudos o analista acredita que perdeu sua capacidade analítica. Posteriormente, se dá conta que, na verdade, a havia recuperado. Sua impressão de que havia traumatizado o paciente é substituída pela surpresa de verificar que o processo analítico se desenvolvera com sonhos-a-dois. O conluio dual fora desfeito e o acesso à realidade triangular se tornara possível.

Por vezes, quando a realidade triangular se impõe, a dupla não consegue manter essa percepção traumática e o conluio dual se refaz. É necessário que essas situações ocorram muitas vezes, enquanto elaboram-se os lutos pela perda da relação dual e a rede simbólica está sendo cerzida. O *enactment* agudo é aproveitado quando existe cerzimento suficiente para que o trauma seja suportado e sonhado.

Aprofundando a compreensão do *enactment* crônico podemos supor que ele congela também traumas inscritos no inconsciente não reprimido (Freud, 1923) incluindo fatos transgeracionais. O campo analítico é tomado por configurações arcaicas dramatizadas por ambos os membros da dupla, sem que eles o percebam. A dramatização compreende diferentes formas expressivas que se manifestam na forma de atos, mímica, emoções, sons, cheiros, formas de construção da linguagem, tons, timbres de voz. Constituem formas ideopictográficas como um teatro mímico ou filme mudo (Sapichin, 2013). Essa expressividade pode ser muito sutil em sua manifestação visível e muito potente em sua capacidade de envolvimento emocional. Quando lidamos com o desprendimento do adolescente podemos tomar como modelos as variadas cenas deduzidas dos mitos de Narciso e Édipo, por ex.

Teorias e conjecturas: Édipo e Katia

As vicissitudes da adolescência foram descritas neste trabalho enfatizando a oscilação, em variados graus, entre relações duais e triangulares, tendo como cenário a revivescência das situações edípicas. Em seguida, será abordada a complexidade dessas situações comparando Édipo e Katia. Trata-se de resumidas conjecturas imaginativas (Bion, 1970), sonhos da vigília em que se

imaginam vicissitudes de ambos enquanto adolescentes. As conjecturas remetem a reinterpretações de aspectos do mito edípico que podem servir de modelo para aspectos técnicos.

Édipo ouve boatos (fora e dentro de sua mente) que é filho ilegítimo. Traumatizado, deixa Corinto em busca de si mesmo. Não tem consciência do que está fazendo, mas busca discriminar-se de seus pais adotivos que impediam que entrasse em contato com a realidade. Enganado por eles, sequer fora informado que era adotado e estava sendo preparado, como príncipe, para manter a simbiose da Família Real. Sua primeira parada é o oráculo de Delfos onde deverá passar a noite sonhando. O sacerdote vaticinará a partir da escuta de seus sonhos. Passa uma noite terrível, acossado por cenas terroríficas repetidas compulsivamente. Não sabe se são pesadelos ou realidade. Desesperado, tenta colocá-las em palavras para o sacerdote: terra tremendo, montanhas desabando, uma mulher sedutora chorando ? Mas, como príncipe que era, enquanto fala tenta manter uma indiferença arrogante. Após ouvi-lo, o sacerdote acusa-o de ser um futuro criminoso que matará o pai e se casará com a mãe. O sacerdote chama os guardas e Édipo é expulso do templo. Ouve a multidão enfurecida clamando por sua morte. Dentro ou fora de sua mente ? Édipo foge desesperado, á beira do aniquilamento e corre sem rumo, como um louco.

Katia adolescente sai de sua cidade e vai para H. Não sabe, mas está tentando escapar da simbiose familiar, arriscando-se na busca de si mesma. Foge, também, da percepção da ameaça de morte da rival edípica. Na Universidade, sua primeira parada, sofre um trauma terrível. Estava sendo perseguida e drogada (pelas colegas rivais ou a droga já estava dentro dela ?). Sentia-se tomada, de forma confusa, por desejos incontroláveis, competitivos, assassinos, invejosos, sexuais (frutos da droga interna...). Na verdade. ela nem saberia dar-lhe esses nomes. Uma multidão de colegas e professores (seriam pais e irmãos ?) ora queriam seduzi-la, ora queriam matá-la. Ou era ela quem queria ? Estava confusa sobre se eram fatos reais, pesadelos ou alucinações. Talvez tudo ao mesmo tempo. Em outros momentos, sentia-se superior, conectada diretamente com Deus, todo-poderosa. Às vezes chorava tristemente, saudosa de

ser a princesinha do Palácio Real, onde era cuidada pelos Reis seus pais e por um batalhão de lacaios que adivinhavam seus desejos antes mesmo de eles se manifestarem. Quem sabe, se morresse, poderia voltar a viver nesse mundo paradisíaco (Cassorla, 1997b, 2000).

Mas, o inferno retorna compulsivamente. E Katia foge, como louca, pelas ruas e pela estrada da vida.

Édipo e Katia revivem, como adolescentes, situações traumáticas primitivas. O primeiro, no mito, fora marcado por terrível ameaça de morte. Não desejado, ao nascer não encontrou quem contivesse seus terrores de aniquilamento. Fora abandonado para morrer no monte Cíteron. Esses terrores são revividos no templo de Apolo, quando é condenado e abandonado pelo sacerdote. Este, se comportara como um analista estúpido recrutado por identificações projetivas massivas. Édipo não entende seu destino de ser parricida e incestuoso. Somente depois descobrirá que, quando bebê, os pais desejaram matá-lo pelo primeiro motivo. O parricídio estava dentro dele antes de nascer (e o desejo incestuoso também) e agora, que tinha forças para matar (e corpo para copular) , sentia-se ainda mais aterrorizado. Mas nada lhe era claro.

Katia revive em seus terrores adolescentes traumas similares aos do desprendimento inicial. Em sua mente se inscreveram marcas traumáticas de morte das quais faziam parte fusões defensivas simbióticas transgeracionais. Katia fracassa em sua tentativa de desfazê-las e se simbiotiza desesperadamente com amigas e namorados. Quando estes não se grudam a ela, insistindo em ser não-*self*, Katia se sente aniquilada. Fogue em pânico, não sabe para onde, até encontrar algo ou alguém com quem tenta se confundir. A doença da mãe contribui para essa situação. Quando ela encontra o oráculo, sua terapeuta anterior, é chamada de louca. Desesperada e aterrorizada, torna-se mais louca.

Katia imagina que pode escapar da loucura confundindo-se com Deus, com o namorado, com a droga. Édipo imagina que escapará da loucura projetando-a em Corinto. Se fugir para longe, não matará seu pai nem cometerá incesto. Mas, não consegue ir para longe de sua mente. Vejo Édipo desesperado, caminhando pela estrada, com ódio de si e do mundo. Pensa que seria melhor morrer. Numa

encruzilhada, mais uma frustração: uma caravana, um homem armado arrogante. Se Édipo fosse morto, tudo estaria resolvido. Provocando sua morte ocorreria um “homicídio precipitado pela vítima” (Cassorla,1997b,2000). O jovem e o homem disputam a passagem. Mas o ódio de Édipo e seu desejo de vingança é maior do que o desejo de morrer. Édipo mata o homem., que era Laio, seu pai, mas ele não sabia. Agora, Édipo sente-se melhor. Mas, logo a culpa melancólica o toma. Desta vez, a culpa é ainda maior e Édipo não sabe por que.

Katia, dentro de sua mente, mata a mãe rival. A mãe e o casal parental mortos tornam-se mortíferos e Katia é atacada por dentro. Culpada e destruída não tem para quem pedir ajuda. Volta para casa e se tranca no quarto imaginando que nessa espécie de claustro pode esconder-se de seus crimes. Como Narciso, não quer atender qualquer demanda, a não ser o espelho da internet. Dorme com narcóticos (derivados de narcisos), produz pesadelos não-sonhos, envolve-se em calúnias nas redes sociais onde, ao ser vista, sente que existe (Levy, 2006). Desespera-se. Busca um novo oráculo: eu, seu analista. Traz-me enigmas e os esconde. Quer e não quer saber quem é, quem foi, quem será. Eu investigo, proponho-lhe novos enigmas. Ela foge. Ela se gruda. Tudo ao mesmo tempo.

Édipo descobre que há uma espécie de oráculo, a Esfinge, que mata os jovens que não decifrarem seus enigmas. Seu desejo de morrer retornara mais forte. Sua curiosidade mórbida e sua estupidez arrogante fazem a Esfinge tornar-se atraente. Nada tem a perder – a morte será bem-vinda. A morte será simbiotizar-se à mãe-Esfinge ? A Esfinge aterroriza porque está aterrorizada. Édipo, ao olhá-la, capta esse terror que é similar ao dele. Condoído, busca entendê-la como ele busca entender-se. Já caminhou muito por essa estrada e aprendeu alguma coisa. Sabe como é engatinhar, com quatro pés, no chão salpicado de pedras, sabe que experimentou andar com seus dois pés doloridos e teve que usar um cajado, seu terceiro pé que será substituído, na velhice, por sua filha Antígona. Precisa de ajuda para suportar sua mente traumatizada. Édipo sonha essas experiências emocionais e decifra o Enigma. Agora vive na realidade triangular e pode sonhar e pensar. Não precisando mais da prótese mãe-Esfinge. Esta, como um bom analista, mata-se simbolicamente.

Katia também busca na morte a paz que perdeu. As drogas têm o mesmo efeito. Katia busca a Esfinge-analista para a ajuda-la a pensar seus enigmas. Com idas e vindas, esse processo continua.

Édipo se casa com Jocasta, tem filhos e seu reino é feliz, até que surge a peste. Essa peste interna é a revivescência dos impulsos incestuosos e homicidas que ocorrem quando Édipo completa a mesma idade que Laio tinha quando foi morto. E seu filho mais velho a mesma idade de Édipo quando matou Laio. As configurações identificatórias são acionadas como Reações de Aniversário (Cassorla 1986,1991b,2008b). Como adolescente pseudomaduro, Édipo desenvolve um surto na maturidade (Ungar, 2004).

O oráculo vaticina que a peste (loucura) cessará quando se descobrir o assassino de Laio. Aqui, Sófocles inicia Édipo-Rei e a tragédia de todos nós, que na verdade não tem início. É um eterno retorno.

Conclusões

O trabalho com adolescentes demanda uma observação constante do analista para identificar situações em que pode ser envolvido por defesas que fazem parte do processo de desprendimento. Ameaças de embotamento ocorrem normalmente quando o analista se confunde com a concomitância das relações duais e triangulares, ou pela rapidez das oscilações entre elas. Esses momentos costumam ser desfeitos rapidamente graças à função analítica. .

No entanto, quando o jovem e sua família organizam conglomerados defensivos estáveis, o analista corre o risco de deixar-se envolver a tal ponto que se torna estúpido. O analista deve desconfiar de situações em que o processo analítico caminha “muito bem”. É possível que esteja envolvido em conluios de idealização mútua com o jovem e sua família. Por outro lado, o analista que tem dificuldades para perceber seu medo ou seu ódio, pode submeter-se a chantagens e ameaças do jovem e da família, sem dar-se conta suficiente. Estas situações ocorrem quando as identificações projetivas se engancham em conflitos próprios do profissional.

Entrevistas com a família devem fazer parte do trabalho com jovens, tanto para desfazer fantasias mútuas, como para compreender o que está ocorrendo. Encaminhamento para outros analistas pode ser necessário. Famílias simbióticas retiram precocemente o jovem da análise caso essa simbiose não seja trabalhada.

O analista, principalmente se menos experiente, pode ser sutilmente recrutado a tomar o partido dos pais e da sociedade contra o adolescente. Pode ocorrer o contrário: o analista se identifica com o adolescente rebelde e questionador ou sentido como vítima dos adultos. Essas situações decorrem de conflitos do analista não suficientemente elaborados, relacionados à sua própria adolescência, conflitos esses potencializados pelas identificações projetivas do jovem, de seus pais e de outras pessoas do entorno.

Espero que os modelos estudados neste texto auxiliem os analistas de adolescentes a identificar precocemente e desfazer situações em que existe o risco de envolvimento patológico com organizações defensivas. Sem deixar de levar em conta o ambiente e a sociedade em que o adolescente vive.

Referências

Aberastury A (1980). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Baranger M & Baranger W(1961-62). The analytic situation as a dynamic field. *International Journal of Psychoanalysis* 89:795-826,2008 (reprinted from 1968 version).

Baranger M, Baranger W, Mom J (1983). Process and non-process in analytic work. *International Journal of Psychoanalysis* 64:1–15.

Barros EMR. (2011). Reflections on the clinical implication of symbolism. *International Journal of Psychoanalysis*, 92: 879-901.

Bion WR (1958). On arrogance: In *Second Thoughts – Selected Papers on Psycho-Analysis*. London: Heinemann, 1967, pp. 86-92.

.

Bion WR (1961). *Experiences in Groups*. London: Routledge, 2001.

Bion WR (1962a) A Theory of Thinking. In *Second Thoughts – Selected Papers on Psycho-Analysis*. London: Heinemann, 1967, pp. 110-119.

.

Bion WR (1962b). *Learning from Experience*. London: Heinemann.

Bion WR (1970). *Attention and Interpretation*. London: Tavistock.

Bion WR (1976). Emotional turbulence. In Bion, F (Ed). *Clinical Seminars and Four Papers*. Abingdon: Fleetwood Press. pp. 223-233.

Bion WR (1992). *Cogitations*. London: Karnac.

Bleger J (1967). *Simbiosis y ambigüedad*. Buenos Aires: Paidós.

Blos P (1962). *On adolescence: a psychoanalytic interpretation*. Glencoe: Free Press.

Bolognini S (2004). O bar no deserto. Simetria e assimetria no tratamento de adolescentes difíceis. *Revista Brasileira de Psicanálise* 38:259-269.

Brown LJ (2011). *Intersubjective Processes and the Unconscious: An Integration of Freudian, Kleinian and Bionian Perspectives*. New York: Routledge

Cassorla RMS (1985). Depression and suicide in adolescence. In Pan American Health Association (Ed.). *The Health of Adolescents and Youths in the Americas* Washington: PAHO, pp. 156-169.

Cassorla RMS (1986). Reações de aniversário: aspectos clínicos e teóricos. *Jornal de Psicanálise (São Paulo)* 38, 25-39.

Cassorla RMS (1991a). Simbiose na adolescência: implicações clínicas. In Maakaroun, M., Souza, R.P. & Cruz, A.R. *Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar*. Rio:Cultura Médica, pp. 514-523.

Cassorla RMS (1991b). O tempo a morte e as reações de aniversário. In Cassorla, RMS (Org). *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas: Papyrus, pp.. 61-88.

Cassorla RMS (1993). Complexo de Édipo, curiosidade, vista grossa e catástrofe psicológica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 27: 607-626.

Cassorla RMS (1997a).No emaranhado de identificações projetivas cruzadas com adolescentes e seus pais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31: 639-676.

Cassorla RMS (1997b). Comportamento suicida na adolescência: aspectos psicossociais. In Levisky, D.L. (org). *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 81-98.

Cassorla RMS (2000). Reflexões sobre teoria e técnica com pacientes potencialmente suicidas. *Alter - Jornal de Estudos Psicodinâmicos (Brasília)*, 19:169-186 (parte 1); 19:367-386 (parte 2).

Cassorla RMS (2001). Acute enactment as resource in disclosing a collusion between the analytical dyad. *International Journal of Psychoanalysis*, 82:1155-1170.

Cassorla RMS (2004). In der Verwicklung von projectiven Kreuzidentifizierungen mit Adoleszenten und ihren Eltern. *Kinderanalyse* (Stuttgart) 3:12:183-230.

Cassorla RMS (2005). From bastion to enactment: The 'non-dream' in the theatre of analysis. *International Journal of Psychoanalysis*, 86:699-719.

Cassorla RMS (2008a). The analyst's implicit alpha-function, trauma and enactment in the analysis of borderline patients. *International Journal of Psychoanalysis*, 89:161-180.

Cassorla RMS (2008b). Desvelando configurações emocionais da dupla analítica através de modelos inspirados no mito edípico. *Revista Brasileira de Psicoterapia (Porto Alegre)*, 10:37-48.

Cassorla RMS (2008c). O analista, seu paciente e a psicanálise contemporânea: considerações sobre indução mútua, enactment e não-sonho-a-dois. *Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 8:189-208.

Cassorla RMS (2009). O analista, seu paciente adolescente e a psicanálise atual: sete reflexões. *Revista de Psicanálise (Porto Alegre)* 16:261-278,

Cassorla RMS (2010a). A leste do Éden: loucura, feitiço e suicídio. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44:147-157.

Cassorla RMS (2010b). Édipo, Tirésias, o oráculo e a esfinge: do não-sonho às transformações em sonho. In Rezze, CJ; Marra, ES. & Petriccioni, M. (Org). *Psicanálise: Bion. Teoria e Clínica*. São Paulo: Vetor, pp.110-131.

Cassorla RMS (2012). What happens before and after acute enactment ? An exercise in clinical validation and broadening of hypothesis. *International Journal of Psychoanalysis*, 93: 53-89.

Cassorla RMS (2013a). Reflections on non-dreams-for-two, enactment and the analyst's implicit alpha-function. In Levine, HB & Brown, LJ. *Growth and Turbulence in the Container/Contained: Bion's Continuing Legacy*. New York: Routledge, pp. 151-176.

Cassorla RMS (2013b). In search of symbolization. The analyst task of dreaming. In Levine, H; Reed, G & Scarfone, D (ed). *Unrepresented states and the construction of meaning. Clinical and theoretical contributions*. London: Karnac , pp 202-219.

Cassorla RMS (2013c). When the analyst becomes stupid an attempt to understand enactment using Bion's theory of thinking. *Psychoanalytic Quarterly* 82:323-360.

Cassorla RMS.(2014). The silent movie: discussion of the case Ellen. *International Journal of Psychoanalysis* 95:93-102.

Faimberg, H (1996). Listening to listening. *International Journal of Psychoanalysis* 77:667-677.

Freud S (1893). Studies on Hysteria (Case Histories). SE 2

Freud S (1905). Fragment of an analysis of a case of hysteria. SE 7

Freud S (1911). Formulations on the two principles of mental functioning. SE 12.

Freud S (1923). The ego and the id. SE 19.

Gabbard GO (2000). Disguise or consent: problems and recommendations concerning the publication and presentation of clinical material. *International Journal of Psychoanalysis*, 81,1071-1086.

Grinberg L (1976). *Teoria de la identificación*. Buenos Aires: Paidós.

Joseph B (1989). *Psychic equilibrium and psychic change: Selected papers of Betty Joseph*. Feldman M, Spillius EB (Ed). London: Routledge

Levy R (1996). Refúgios narcisistas na adolescência: entre a busca de proteção e o risco de destruição-dilemas na contratransferência. *Revista Brasileira de Psicanálise* 30:223-240.

Levy R (2006). Adolescência: o reordenamento simbólico, o olhar e o equilíbrio narcísico. *Revista de Psicanálise (Porto Alegre)* 13: 233-245.

Mahler M (1968). *On human symbiosis and the vicissitudes of individuation*. New York: International University Press.

Meltzer D (1966). The relation of anal masturbation to projective identification. *International Journal of Psychoanalysis*, 47, 335-343.

Meltzer D (1973). *Sexual states of mind*. Pertshire: Clunie Press.

Meltzer D (1992). *The claustrum: An investigation of claustrophobic phenomena*. Pertshire: Clunie Press.

Paz LR. (1980) Adolescência- crise de dessimbiotização. In Aberastury, A *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 165-184.

Rosenfeld H(1987). *Impasse and interpretation*. London: Tavistock

Sapisochin S (2013). Second thoughts on Agieren: listening the enacted. *International Journal of Psychoanalysis* 94:967-91.

Segal H (1957). Notes on symbol formation. *International Journal of Psychoanalysis* 38:391-397.

Steiner J (1985). Turning a blind-eye: the cover up for Oedipus. *International Review of Psycho-Analysis*, 12: 161-172.

Steiner J (1993). *Psychic retreats: pathological organizations in psychotic, neurotic and borderline patients*. London: Routledge.

Spillius, EB & O' Shaughnessy E (Ed.) (2012). *Projective Identification: The Fate of a Concept*. New York: Routledge

Ungar, V (2004). O trabalho psicanalítico com adolescentes, hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 38:735-749.

Ungar, V (2013). La fin de l'adolescence aujourd'hui. *Revue française de psychanalyse* 77:376-391.

Winnicott, D (1949). Hate in the countertransference. *International Journal of Psychoanalysis* 30:69-75.

